filme como um objeto no espaço

Edição 5
Arquivo Nacional
de Cinema da
República Tcheca

um olhar sobre acervos de cinema

Filme como um objeto no espaço
um olhar sobre acervos de cinema

Quinta edição:
Arquivo Nacional de Cinema da República Tcheca

29 de novembro de 2026

16hs: *Um pedaço de pão* + *Diamantes da noite*
com apresentação de Věra Matysíková

18hs: *Transporte do paraíso*
com introdução por vídeo de Eva Lustigová

Centro Cultural São Paulo
Rua Vergueiro, 1000
Info 11 3397 4002
Entrada gratuita

Prefeitura de São Paulo
Ricardo Nunes

Secretaria de Cultura
Totó Parente

CENTRO CULTURAL SÃO PAULO

DIRETOR
José Mauro Gnaspini

CURADORIA DE CINEMA
Célio Franceschet e
Carlos Gabriel Pegoraro

SUPERVISÃO DE PRODUÇÃO
Kazuaki Shinjo

SUPERVISÃO DE COMUNICAÇÃO
Supervisora
Elisa Gudin

Administrativo
Cristiane Lopreto

Administrador de sistemas TI
Edmárcio Silva

Comunicação visual
Marco Aurélio
Steffany Lima
João Gabriel Oliveira
Julia Tavares Bispo
Heloisa Coutinho

Audiovisual
Alessandro Santos
Nina Bastian Gocke

Redação
Alexandre César
Danilo Amaral
Gustavo Santos
Camila Martins
Ratz Barreto

Redes Sociais
Thayna Pais Pereira
Pedro Blanco

Relações públicas
Maurício Faria

Equipe gráfica
Bruno Valeiro
João Batista Amaro
João Francisco dos Santos
Paulo Sérgio Cassiano

FILME COMO UM OBJETO
NO ESPAÇO

Curadoria e produção
Aaron Cutler
Mariana Shellard



06 INTRODUÇÃO

09 ŠTĚPÁN E ANNA

21 SINOPSES

29 BIOS DOS TRADUTORES

“Filme como um objeto no espaço: Um olhar sobre acervos de cinema” é um evento bimestral de cineclube com o propósito de mostrar as diferentes faces da preservação de cinema, por meio de filmes de diferentes períodos e países que foram preservados digitalmente nos últimos 20 anos. As cópias dos filmes vêm de instituições públicas e privadas que são voltadas à preservação, com o intuito de mostrar seus arquivos e o trabalho que envolve levar um filme antigo de volta ao público. O evento acontece no formato de sessões duplas de cinema, com apresentações antes das exibições pelos curadores e organizadores do evento, Aaron Cutler e Mariana Shellard (da produtora Mutual Films).

A edição de novembro de “Filme como um objeto no espaço” coloca em foco uma instituição voltada para a preservação cinematográfica, junto a um grande artista. A instituição é o Arquivo Nacional de Cinema da República Tcheca (Národní filmový archiv, nfa.cz/en), que foi fundada na ex-Tchecoslováquia em 1943, fazendo dela uma das cinematecas mais antigas do mundo em atividade. Hoje, a coleção do Arquivo (que representa a maior parte da programação de sua sala de cinema e a base do seu robusto programa de digitalização) conta com mais de 50.000,00 títulos. Entre eles, materiais (cópias e/ou negativos) referentes a todos os longas-metragens existentes que foram produzidos pelo Estado da Tchechoslováquia entre 1945 e sua dissolução em 1992, junto a materiais para todos os filmes existentes que foram produzidos dentro da renomada escola tcheca de cinema FAMU. Também inclui materiais do exterior – por exemplo, a única cópia fílmica existente do documentário brasileiro *Amazonas, o maior rio do mundo* (1918), de Silvino Santos, que chegou no Arquivo após ser roubada por um sócio do cineasta, e que foi devolvida ao Brasil em 2023.

O evento no Centro Cultural São Paulo apresenta filmes tchecos que foram restaurados pelo Arquivo para homenagear o centenário do escritor tcheco Arnošt Lustig (1926-2011), cuja obra dedicou-se à preservação da memória. Lustig era judeu e perdeu a maior parte da sua família no Holocausto; ele mesmo foi deportado

pelos nazistas do gueto de Terezín para o campo de extermínio em Dachau, mas conseguiu fugir do "trem da morte" junto com um colega. Boa parte da produção literária de Lustig cria ficções a partir das suas experiências da Segunda Guerra Mundial e histórias de pessoas que ele conhecia. Os contos de Lustig fazem isso sem moralismo e com uma profunda clareza sobre a importância da sobrevivência (ou a autopreservação) não apenas como instinto, mas também como uma escolha.

A mostra no CCSP passará cópias digitais das primeiras adaptações para o cinema de textos de Lustig, que contam com sua participação como roteirista. O primeiro programa inclui os primeiros filmes do cineasta tcheco Jan Němec (1936-2016), cujo longa-metragem de estreia *Diamantes da noite* (1964) fracassou em seu lançamento inicial, mas depois chegou a ser visto como um monumento de cinema mundial. O segundo programa apresenta o longa *Transporte do paraíso* (1962), pouco conhecido fora de seu país de origem e dirigido por Zbyněk Brynych (1927-1995), que enfrentou o tabu de falar sobre as atrocidades nazistas, até então recentes, com uma fidelidade histórica inédita, a partir das memórias de Lustig do gueto de Terezín. O evento também inclui uma tradução inédita para o português de um conto de Lustig da coleção de histórias que inspirou *Transporte do paraíso*. É a primeira tradução autorizada de um texto do autor a ser publicada no Brasil.

A mostra seria impensável sem a participação de Věra Matysíková, fundadora da produtora CzechArte, que nos propôs essa comemoração no cinema do centenário de Lustig, traduziu os filmes de Němec e traduziu o conto de Lustig "Štěpán e Anna", junto ao pesquisador do cinema da Europa do Leste Luis Felipe Labaki. A União Cultural Tcheco-Brasileira patrocinou a exibição de *Diamantes da noite* e a Embaixada da República Tcheca em Brasília ajudou na conversa sobre os filmes. Agradecimentos adicionais vão para Matěj Strnad e Ivana Kredbová Poláková, do Arquivo Nacional de Cinema da República Tcheca, por ceder uma entrevista e materiais de pesquisa; a Eva Lustigová, filha de Arnošt Lustig e organizadora de diversas homenagens ao seu

centenário através da Fundação Lustig (https://al100.lustigfoundation.org/), por autorizar a tradução do conto; Chris Barwick, do selo inglês de home vídeo Second Run DVD, por compartilhar materiais relacionados ao *Transporte do paraíso*; e, o programador brasileiro de cinema Leonardo Bomfim Pedrosa, co-curador (com Matysíková) da recente mostra na Cinemateca Capitólio "Literakino" (https://www.capitolio.org.br/novidades/10519/literakino-entre-palavras-e-imagens-da-tchecoslovaquia/), por trabalhar nas legendas de *Transporte do paraíso* e servir como uma referência para estudos do cinema tcheco no Brasil.

Em uma entrevista que Lustig cedeu sobre *Transporte do paraíso* em 1963, para a revista tcheca *Kino* (https://www.filmovyprehled.cz/en/kontexty/transport-from-paradise#contexts-content), o escritor comentou: "Acredito que, na arte, devemos buscar a verdade. O restante virá por acréscimo. Mas a verdade vem em primeiro lugar. A verdade pode ser expressa de muitas maneiras, é claro. Os fascistas mataram milhões de pessoas e causaram um sofrimento imenso a milhões de outras. É por isso que contamos uma história sobre a necessidade da liberdade e da dignidade humana, contra a tirania e o desprezo pelo ser humano."

Além do Lustig, a edição de novembro de "Filme como um objeto no espaço" é dedicada à memória de Adele Cutler (1932-2026), avó de um dos curadores da mostra e descendente de judeus que emigraram para os Estados Unidos de Europa do Leste. E, também, à memória do cineasta e artista visual italiano Yervant Gianikian (1942-2026), que, junto à sua esposa e colaboradora Angela Ricci Lucchi, fez uma pesquisa ao longo de décadas em diversos acervos europeus de cinema para encontrar imagens de vítimas de extermínio e assim denunciar os genocídios do mundo.

STEPÁN E ANNA
de Arnošt Lustig
Tradução: Věra Matysíková e Luis Felipe Labaki

Arnošt Lustig faz parte da segunda geração de escritores tchecos do pós-guerra, que ganhou destaque na década de 1960. Diferentemente da primeira geração, marcada por testemunhos diretos da guerra, relatos heroicos ou esquemáticos da resistência e textos de caráter jornalístico, a segunda passou a explorar o Holocausto por meio da análise psicológica dos personagens, da reflexão filosófica e da investigação do mundo interior do ser humano em situações extremas.

O Holocausto ocupa um lugar central na obra de Lustig desde seu primeiro livro, Noite e esperança *[*Noc a Naděje*] (Praga: Naše Vojsko, 1958). A coletânea de sete contos (que foi depois adaptado para o cinema na forma do filme* Transporte do paraíso*) foi inspirada nas experiências vividas pelo autor no gueto de Terezín durante a Segunda Guerra Mundial. As narrativas retratam pessoas que, mesmo submetidas a condições de vida aterrorizantes, conseguem preservar sua dignidade, sua humanidade e sua fé nos valores fundamentais, revelando solidariedade, disposição para o sacrifício em favor dos outros e capacidade de amar. É justamente o nascimento de um amor puro e a força dos laços afetivos que permeiam o conto "Štěpán e Anna".*

Esta tradução foi realizada a quatro mãos a partir da primeira edição de Noite e esperança*. A aparente simplicidade formal do conto esconde uma refinada construção estilística. Os diálogos entre Štěpán e Anna são feitos de frases breves, concisas, entrecortadas por um narrador que, assim como os jovens personagens, se mantém sempre atento aos sons e movimentações nas cercanias. Na sucessão de frases e gestos breves, por vezes se acumulam pequenas elipses temporais. Mas se há algo da exaustação física, moral e mental das personagens nessa série de "centésimos" de momentos que vemos "a cada segundo" – para citarmos uma bela passagem do conto –, Lustig constrói também uma sucessão de exuberantes imagens interiores de Štěpán que, acompanhando a "corrente" que atravessa seu*

corpo, se apresentam em ondas de longas sentenças que seguem ao ritmo de sua emoção.

Em nosso trabalho, buscamos preservar ao máximo essa cadência rítmica do original.

- Věra Matysíková e Luis Felipe Labaki, outubro de 2026

***

Estava deitado em silêncio.

A viga para a qual estava olhando era marrom-escura, cor de nogueira.

Alguém rabiscou nela a palavra quarentena. Ele achou engraçado que os tijolos das paredes ali dentro eram tão vermelhos quanto os de fora. Já tinha seu leito – uma faixa estreita do piso feito de ladrilhos de pedra. Na penumbra, conseguia distinguir os contornos arredondados das figuras femininas que se deitavam sob a luz fraca das velas. Por longos segundos ficou ali deitado; febril, já não percebia o que acontecia, tomado por uma imaginação inquietante.

Depois adormeceu. Despertava sobressaltado e desesperado, temendo que o amanhecer já estivesse próximo; voltava a fechar os olhos, desejando prolongar o prazer da escuridão acolhedora na qual caía, subia e voltava a cair.

Acordou ainda de madrugada.

Abismado, tentava descobrir onde estava.

Ao lado dele, dormia uma jovem, coberta por mochilas e por uma manta escura, e, do outro lado, um homem velho que arquejava sob o peso do sono.

Semicerrou os olhos e a viu claramente, como o cume branco de uma montanha coberta de neve. A testa dela era macia, a pele quase translúcida, os cabelos estavam soltos e a nuca era igualmente clara, e ele se assustou com a intensidade com que a imagem dela voltava à sua mente.

Esperou até que ela acordasse. Tinha cabelos dourados, nos tons das folhas de outono, e os lábios pálidos e entreabertos. Sentiu-se atravessado pela luz dolorosa e impaciente do amanhecer e pelo silêncio da noite.

Ela se sentou, um pouco assustada. Cobriu o rosto com seus dedos compridos.

– Bom dia – disse ele.

– Bom dia.

– Não fique brava por eu estar deitado aqui – disse.

– Não consegui enxergar direito ontem.

Ela olhou para trás dele, para onde o velho estava deitado. – Não me importo.

– Já vai se levantar? – perguntou ele.

– Vou, sim.

– Está aqui há muito tempo?

– Uma semana – respondeu ela.

E acrescentou: – Eu já estava dormindo quando vocês chegaram.

– Era de noite – falou ele.

– Alguns transportes chegam à noite.

– A gente nem se conhece – disse ele.

Ela sorriu, e ele sentiu amargura e constrangimento em seus lábios.

– Me chamo Štěpán – disse ele.

– E eu, Anna – respondeu ela. E repetiu: – Anna.

Na beirada da escada de madeira, surgiu um oficial.

– Ele é um dos nossos – disse ela. – Tem a estrela.

Uma onda de silêncio se espraiou pelo sótão.

– O que ele quer?

– Ele vai ler os nomes – disse ela.

– Nossos nomes?

– Quem sabe os nossos também.

O oficial parou a pouca distância deles. Abriu os documentos como se fossem enormes cédulas de dinheiro. Depois, disse que aqueles cujos nomes iria ler haviam sido escolhidos pelo Conselho Judaico de Anciãos aprovado pelo comando da SS e seriam alojados no gueto.

– E os outros?

– Em outro lugar – disse ela.

– Onde?

– Ninguém sabe – respondeu ela. – Talvez no leste.

O velho ao lado deles já estava acordado. Apoiava sua mão enrugada junto à orelha para conseguir ouvir.

– Me chamo Adam – disse ele. E resmungou: – Adam...

– Ainda não leram seu nome? – perguntou Štěpán.

– Não – disse ela.

De repente, ficou envergonhada por ainda não ter sido lida.

– Chamo-me Adam – rouquejou o velho.

Em seguida, o nome de Štěpán foi anunciado.

– É você – disse ela. – Štěpán.

– Talvez ele leia seu nome também.

Não leu. – Fique feliz – disse ela.

Ele se calou. De repente, assustou-se com a infinidade da despedida que pesava sobre ele.

O oficial informou que todos os que haviam sido citados deveriam descer pelas escadas e ir até o pátio em dez minutos.

– Não pode haver nem mais nem menos – comentou rispidamente.

E então, baixando a voz, acrescentou:

– Não é uma decisão minha: é a ordem do comando da SS.

– Adam – repetia o velho.

Em seguida, o oficial foi embora.

– Está pensando nisso?

– Não – respondeu ela.

– Seu nome será lido amanhã – disse ele. – Ou mais tarde.

Ele não conseguia tomar coragem para se levantar, mas sabia que teria que fazê-lo.

Pegou a mão dela.

– Venha me visitar qualquer hora – disse ela.

– Venho.

– A gente se conhece há tão pouco tempo.

– Venho com certeza – repetiu ele. – Eu estou sozinho aqui. Podemos ser amigos.

– Se nos deixarem ficar aqui.

– Por quê?

– Há rumores.

– Quais?

– De que vamos sair daqui – disse ela. – Talvez em uma semana.

Ele a ajudou com as mochilas.

– Você tem sorte – disse ela.

Ficou olhando para ela. Sem encontrar o que responder.Uma corrente dentro dele subia de algum lugar bem profundo até o alto e retornava aos dedos com os quais tocava sua mão.

– Talvez – ela sussurrou – eu ainda esteja aqui.

– Estará, sim – murmurou ele. E continuou:

– Certamente vai estar aqui.

– Então, agora vá – disse ela.

Olhou para ela e sentiu novamente a corrente – a dor e algo afetuoso –, e nela se dissolveu a resposta que não chegou a dizer. Depois se levantou e deixou a mão dela escapar da sua e alguma coisa parou dentro dele; era como se um embaçamento lhe apertasse o peito e lhe ardesse nos olhos, uma sensação presente a cada passo que o levava para longe dela.

– Adam – murmurou o velho.

Ele correu pela avenida "L", e tudo o que o envolvia como uma teia de aranha que sugava aquela corrente, tudo o que nele ardia e se apagava, o empurrava para a frente e o arrastava de volta para o sótão da quarentena, revirava-se dentro dele e fervia como um eco daquelas palavras.

Colocou a mochila na cama que lhe fora indicada.

E correu de volta, sem se importar com o que aconteceria com ele e com suas coisas.

Entrou abruptamente. Viu-a, tão magra, sobre um colchão de palha cinzento.

– Štěpán – disse ela.

Depois: – É você. – E finalmente: – Você chegou.

Baixou os olhos.

– Não estava esperando – disse ela.

– Anninha…

Não reparou no velho, cuja respiração arquejante incomodava todos ao seu redor. Sentou-se ao lado dela no colchão, do qual rebentavam hastes de palha. Não sentiu necessidade de dizer mais do que aquela única palavra que já havia proferido.

– Anninha… – repetiu ele.

Abraçou-a pelos ombros.

Estava sentado em silêncio ao lado dela, diante da barreira de pedra formada pelo velho vivo, cujos olhos vidrados não os registravam e cujo pescoço moreno, semelhante a um tronco humano, os encobria.

Num instante, seus olhos se cruzaram com os do velho.

– O que foi? – perguntou ela.

– Nada – respondeu ele.

Ele podia sentir o medo dela. Ela se encostou ainda mais nele.

Então foi ela quem se deparou com o olhar do velho, assustando-se com tudo o que viu nele – uma insolên-

cia selvagem e suplicante, e também uma inveja curiosa.

– Me chamo Adam – arquejou o velho.

Continuava com a mão junto ao rosto para tentar captar o som das palavras que não chegavam até ele.

– Vamos sair daqui – disse Štěpán.

– Vamos – suspirou ela. Mas logo perguntou: – Mas e se chegar o oficial?

– Será?

Ela desviou o olhar para o chão.

– Vamos então – disse ela.

Ela não se atrevia mais a olhar para dentro dos poços escuros das pupilas do velho. Levantou-se. Vestia um casaco quente de tecido azul.

Ele olhava para ela, e tudo, até o casaco, lhe parecia claro e limpo.

Teve que passar por cima do colchão de palha do velho.

– Tome conta das coisas de Anna – pediu a ele.

E pareceu a Anna que fora somente aquele amontoado de palavras que acordara o velho. Ele baixou a mão com a qual fazia uma concha para escutar melhor. Seus olhos castanhos-amendoados ficaram mais largos e suaves.

– Adam – disse ele. E acrescentou: – Sim. – E finalmente: – Podem ir, crianças.

Ela precisou novamente baixar os olhos.

– Ele é seu irmão? – perguntou o velho.

Trocaram um olhar. Sentiu novamente aquela corrente atravessá-lo.

– Sim – respondeu por ela.

Ao saírem de lá, tiveram a impressão de que nada que viam projetava sombra.

E Štěpán queria que a corrente passasse das pontas de seus dedos para Anna, para que ela sentisse, naquele toque, o sol, a esperança, o carinho dos raios rosados do dia e sua luz.

– Irmão e irmã – disse ele. E acrescentou: – Mais que isso.

Contornaram a oficina do ferreiro. Do outro lado da encosta que se erguia sobre a cidade, viram o grande prédio do Conselho de Anciãos.

– Se eu tivesse um tio aqui… – disse ela.

– Ele foi embora? – perguntou ele.

Ela virou o rosto para ele e, bem de perto, bateu com o dedo na testa.

– Bobinho – disse ela. – Estava pensando em um que não existe.

– Você está sozinha?

– Completamente.

– Está com fome?

– E o que você poderia fazer a respeito?

– Sabe onde moro?

– Não – disse ela.

– Aqui – respondeu ele. – Espere um pouquinho.

Subiu correndo e tirou do saco de viagem um pedaço de pão doce. Dividiu-o em duas partes e deixou uma delas para os meninos que o observavam.

– Para matar a fome – disse quando voltou.

– Obrigada.

De repente, estavam rindo.

– Vamos voltar para lá – disse ela.

– Para lá?

– Sim.

– Sim – repetiu ele.

– Vão ler seu nome amanhã – disse ele enquanto permaneciam sentados ali.

– Não estou pensando nisso – respondeu ela.

– Há também outras coisas – disse ele.

– Quais?

– Outras coisas – repetiu ele.

Depois, voltaram a sair; no entanto, só puderam dar uma única volta pela cidade.

As árvores escureceram e começaram a se fundir com as próprias sombras; a penumbra se insinuou entre as folhas.

– Venha – disse ela. – Vou acompanhar você.

Os dois pararam ao mesmo tempo.

Ele olhou bem de perto nos olhos dela. Abraçou-a pelos ombros, tão pequenos e delicados que lhe despertavam a sensação de que era sua responsabilidade protegê-la; e aquilo forte que vivia dentro dele e que subia como um círculo de ondas até a garganta e ainda mais alto, o arco claro e escuro da silhueta dela, aquilo que o apertava e, ao mesmo tempo, o livrava das sombras, oferecendo-lhe uma sensação de liberdade, tudo isso desaguou em uma única palavra.

– Anna!

– Štěpán!

Beijou-a na boca. Foi o primeiro beijo dele e dela também.

– Nunca estive assim antes – disse ela.

E voltou a sentir aquele círculo de ondas, limpo e cheiroso, e beijou-a nos lábios e nos olhos marejados de lágrimas, e desejava que, mesmo que devesse morrer, nunca precisasse viver outra coisa além do que estava vivendo naquele momento.

Afastaram-se um pouco do portão, até onde a cerca amarela de madeira separava o gueto do comando da SS.

Estremeceram de frio. A couraça que os envolvia havia sido rompida.

– Ainda não é tão tarde – disse ela.

– Anninha…

– Para onde vamos? – perguntou ela.

– Anninha! – repetia ele.

– Teremos de ir – disse ela, sem sair do lugar.

Sentiu a irrevogabilidade da hora que encerra o dia como uma espada fina, capaz de atravessar até mesmo a corrente invisível – a dor, a gentileza e o medo – em algum lugar bem no fundo, onde o ser humano não consegue enxergar.

Acompanhou-a em silêncio ao longo do quarteirão de prédios junto ao Q 710. Sabia que algo vindo de fora perturbava a corrente dentro dele, mas apesar disso se sentia feliz por caminhar ao lado dela, por sentir seu calor, e depois novamente infeliz com o que estava por vir, e sentia a garganta se apertar sob a pressão de um aro enorme que lhe envolvia o peito e os olhos.

– Anninha – disse ele.

– Sim? – reagiu ela.

E depois de algum tempo em silêncio, acrescentou:

– Štěpán, se quiser, venha me ver à noite.

– Sim – sussurrou ele.

– Eu vou – disse novamente. – Juro.

– Você pode atravessar pelos pátios – disse ela.

E acrescentou – É assim que se faz por aqui.

– Está bem – respondeu ele.

– Vamos partir em breve – disse ela. – Sinto isso.

– Vou te ver – repetiu ele.

– Consigo sentir de alguma maneira. – E continuou:

– Estou com muito medo. Agora está ainda pior.

– Não se preocupe – disse ele. – Juro que te vou ver.

– O caminho pelos pátios é bem curto.

– Sim – respondeu ele.

Ele tirou o casaco e colocou-o nos ombros dela.

Ela o devolveu.

E então ela saiu correndo, de forma súbita, inesperada e impetuosa. Soltou-se das mãos dele. Arrependeu-se de ter dito aquilo. Ela conhecia as leis do gueto havia uma semana a mais que ele. E ele ouviu apenas os seus passos.

Ele via um centésimo daquele momento a cada segundo, enquanto a penumbra se adensava e essas partículas de imagem compunham um enorme mosaico no qual estavam a corrente, a boca entreaberta e as lágrimas dela.

Em seguida, os meninos se calaram e adormeceram.

Ele sabia que ficaria acordado. Juntava os fragmentos da noite e só quando lhe pareceu que o silêncio insuportável o soterraria se arrastou para fora da cama.

Passou por cima das mochilas e dos sapatos espalhados no meio do quarto e chegou à porta. Segurou a maçaneta. No instante em que aquele toque frio fez um mar inteiro invadir sua mente e o brilho do latão se tornou opaco sob a sombra quase imperceptível de sua mão, o círculo tépido de ondas voltou a envolvê-lo, e ele ouviu, dentro de si, o rangido dos degraus de madeira que levavam ao sótão. Nesse instante, escutou seu coração. Um sino de bronze batendo dentro dele. Apertou a maçaneta com cuidado e firmeza.

O mar se derramou no vazio.

O quarto estava trancado.

Sentiu o soco silencioso. O chão desaparecia sob seus pés. Engoliu as lágrimas. Podia ver agora um grande vazio e, nele, um rosto pequeno e a pele translúcida da testa – algo tão frágil que o enchia da sensação de que precisava estar ali por alguma razão, aqueles olhos assustados e o hálito amargo de amêndoas.

Arrastou-se de volta para a cama e, depois, mais uma vez, até a porta.

O quadrado branco, cheio de um silêncio ensurdecedor, transmitia-lhe o eco mudo da fraternidade que sentia por ela e que, desde aquele momento, o elevava acima deste mundo e, ao mesmo tempo, o precipitava

às suas profundezas.

Ele sacudiu a maçaneta com força.

– Silêncio! – gritou alguém.

E, em seguida, mais alguma coisa.

Ele tentava se convencer de que podia ser visto dali, através das franjas sedosas da noite. De que tudo era uma grande janela.

E então ficou deitado, com os olhos fixos no teto cinzento, no qual estava a imagem dela, imprecisa e embaçada, mas nítida nos detalhes – seus olhos e boca. Seus cabelos caíam como sombras e, no silêncio da porta branca, ressoava sua voz. Os olhos dele ardiam. Sentia isso apenas por alguns instantes – nas frestas que existiam em sua imaginação, onde ouvia cada palavra mil e uma vezes, como uma única palavra e, depois, como um único silêncio.

Em suas visões febris, ela voltava para ele, e ele caminhava com ela, com a mão sobre seus ombros, e o círculo das ondas – a dor, a gentileza, a ternura – subia e descia dentro dele, enchendo tanto a ele quanto a ela.

De manhã, correu pela cidade sem sequer respirar.

Subiu a escada voando.

Encontrou apenas o sótão vazio.

O transporte para o leste havia partido à noite.

SINOPSES






ANT.CASLAVSKY

UM PEDAÇO DE PÃO + DIAMANTES DA NOITE
Sousto + *Démanty noci*, Jan Němec,
ex-Tchecoslováquia, 1960/1964, 80 min (total),
35 mm para DCP

Dois jovens (interpretados por Ladislav Jánský e Antonín Kumbera) correm em desespero para dentro de uma floresta, enquanto ouve-se o ruído de metralhadoras e gritos de "pare" em alemão. Ao fundo, o passar de um trem sugere que eles de lá escaparam. Ora correndo agachados ou rastejando, ora puxando um ao outro em um gesto de companheirismo e sobrevivência, os dois diminuem o ritmo, conforme o som de tiros e gritos desaparece. A câmera, que os acompanhava freneticamente como uma terceira entidade, também diminui o seu ritmo. Os corpos colapsam no chão. A partir desse momento de descanso, o árduo percurso dos jovens para dentro da floresta é intercortado por imagens deles se deslocando em uma cidade, gueto, ou trem em movimento como uma lembrança ou um sonho. Através dessas imagens identificamos as letras "KL" (*Konzentrationslager*, a palavra alemã para "campo de concentração") pintadas em seus agasalhos – único indício das origens deles. Em determinado momento, eles buscam abrigo com uma camponesa (Ilse Bischofová) que lhes oferece pão e leite de forma furtiva e eventualmente se deparam com um grupo de caçadores idosos alemães que caçam os dois como se fossem suas próximas presas.

Diamantes da noite, o longa-metragem de estreia do cineasta tcheco Jan Němec, se baseou no conto "A escuridão não tem sombra" ("Tma nemá stín"), publicado em 1958 na coletânea *Diamantes da noite* (*Démanty noci*), do escritor Arnošt Lustig. O autor judeu o escreveu a partir das suas memórias de quando fugiu aos 15 anos com um colega de um trem destinado a Dachau. A história original contou com uma prosa cristalina e minimalista e longas passagens de diálogo cujas construções foram influenciadas por alguns dos autores preferidos de Lustig, como os norte-americanos Ernest Hemingway e William Faulkner. Mas, ao adaptar o conto para o cinema, Němec optou por tirar a maioria dos diálogos no interesse de oferecer ao espectador

uma experiência primordialmente sensorial, na qual fosse possível sentir o medo e o instinto de sobrevivência dos jovens. Ele escreveu o roteiro em colaboração com Lustig, que inicialmente questionou a ideia, mas confiou no cineasta e eventualmente expressou a admiração pelo filme, considerando-o a melhor adaptação para o cinema de uma obra sua.

O filme fracassou durante seu lançamento inicial, porém, ao longo do tempo, chegou a ser considerado como uma das obras fundamentais do movimento cinematográfico conhecido hoje como a Nova Onda Tcheca, ao lado de filmes como *As pequenas margaridas* (*Sedmikrásky*, 1966), de Věra Chytilová, *Os amores de uma loira* (*Lásky jedné plavovlásky*, 1965), de Miloš Forman, e *A festa e os convidados* (*O slavnosti a hostech*, 1966), do próprio Němec. *Diamantes* foi restaurado em 4K pelo Arquivo Nacional de Cinema da República Tcheca e passou no Festival de Cannes (na mostra Cannes Classics) em 2018, dois anos após a morte do cineasta. O trabalho de restauração procurou realçar especialmente os diferentes tons e texturas da película 35 mm que Němec e seus dois cinegrafistas utilizaram para sugerir os diferentes registros de tempo no filme, tanto reais, quanto imaginados.

A estreia brasileira da versão restaurada de *Diamantes da noite* vai acontecer no Centro Cultural São Paulo ao lado da exibição da digitalização pelo Arquivo Nacional do curta-metragem de estreia de Němec, realizado como seu filme de graduação da faculdade. *Um pedaço de pão* também foi adaptado de um conto de Lustig e serviu como o primeiro contato entre os artistas. O filme tem como protagonistas três prisioneiros de um campo de concentração nazista de idades diferentes que resolvem fugir. Para isso, eles precisam roubar comida de um trem de transporte e tiram a sorte para decidir quem irá se arriscar. O filme é narrado justamente pelo escolhido, que nos avisa logo no início que a guerra estava em seus últimos dias.











TRANSPORTE DO PARAÍSO
Transport z ráje, Zbyněk Brynych, ex-Tchecoslováquia, 1962, 94 min, 35 mm para DCP

Da perspectiva de uma bandeirinha da SS da Mercedes-Benz oficial do governo nazista que se desloca em direção ao gueto de Terezín, na Tchecoslováquia, acompanhamos a chegada do general nazista Knecht (interpretado por Jindřich Narenta), responsável pela produção de um cinejornal chamado *O Führer deu uma cidade aos judeus* sobre a vida digna dos habitantes locais. Com o passar do dia, surgem outras realidades do campo, como a crueldade dos guardas, a cumplicidade de líderes judeus no aprisionamento do seu povo e as diversas tentativas de resistência, que são muitas vezes suprimidas de forma violenta. A descoberta de um cartaz antifascista no campo resulta na ordem de deportação de milhares de habitantes por trem para extermínio em Birkenau, uma ordem que ameaça deixar o Terezín vazio.

Na vida real, após a guerra, Terezín voltou a ser uma cidade povoada por seus ex-habitantes. Foi um local que o escritor Arnošt Lustig conheceu bem, sendo ele mesmo um prisioneiro do campo por três anos enquanto adolescente antes de sair do "paraíso", e ele escolheu Terezín como o ambiente para sua primeira coletânea de contos, *Noite e esperança* (*Noc a naděje*), em 1957. Ele foi abordado logo em seguida pelo veterano cineasta tcheco Zbyněk Brynych, que tinha interesse em utilizar a coleção como base para um filme polifônico, contado a partir de diversas perspectivas. Havia uma década que o cinema tcheco não lidava com a temática do Holocausto, e a primeira versão do roteiro que Lustig e Brynych escreveram acabou sendo rejeitada pelos censores – segundo Lustig, por consistir em "material judaico" em uma sociedade ainda antissemita e desconfortável com seu próprio passado recente.

Eles retrabalharam o roteiro por mais três anos até finalmente conseguir realizar o filme, com Lustig atuando na produção como um consultor histórico a respeito dos detalhes da recriação de Terezín, além de corroterista. A narrativa linear de *Transporte do paraíso*

acabou incorporando cenas, elementos e personagens de diversas histórias de *Noite e esperança*. Entre os personagens mais memoráveis são o jovem casal de Štěpán e Anna, que, apesar de tudo, conseguem manter o seu amor vivo, e a figura desafiadora de Löwenbach (interpretado por Zdenek Stepanek), o Presidente do Conselho dos Anciãos, que se recusa a entregar outros judeus para a morte. Em um determinado momento, antes de ser levado ele mesmo para a fila do trem para o campo de extermínio, o Löwenbach afirma que os nazistas vão perder a guerra, dizendo: "A história do mundo nos ensina que os tiranos sempre são derrubados".

Transporte do paraíso ganhou o prêmio principal no Festival de Cinema de Locarno e ajudou a quebrar um tabu dentro do seu cinema nacional. Nos anos seguintes, o cinema tcheco produziu diversos filmes sobre a tragedia judaica, entre eles, mais dois filmes de Brynych e *O cremador* (*Spalovac mrtvol*, 1969), de Juraj Herz, que trabalhou em *Transporte do paraíso* como ator e assistente de direção. Mas a influência do filme foi esquecida ao longo do tempo, talvez em parte por seu tom particular, equilibrado entre uma representação irônica das atrocidades nazistas e uma condenação direta, sem nunca perder a esperança. Em 2024, a equipe do Arquivo Nacional de Cinema da República Tcheca fez uma digitalização em 4K dos materiais originais do filme, que, ao longo dos anos, foram mantidas em um bom estado. A exibição do filme no Centro Cultural São Paulo contará com um vídeo de apresentação de Eva Lustigová, filha de Arnošt Lustig.

BIOS DOS TRADUTORES

Věra Matysíková



Formada em Filologia Portuguesa e Alemã e atuou por mais de dez anos como coordenadora e professora de cursos de português no Instituto Camões de Praga. Entre 2017 e 2023, trabalhou no Consulado Geral da República Tcheca em São Paulo, onde desenvolveu projetos culturais e sociais. Em 2024, criou a marca CzechArte com o objetivo de promover a cultura da República Tcheca no Brasil, e desde então, atuou na criação de eventos que incluem mostras de cinema tcheco na Cinemateca Brasileira e no Cinemateca Capitólio (Porto Alegre), entre outros espaços no Brasil.

Luis Felipe Labaki



Cineasta, pesquisador, tradutor do idioma russo e compositor. Doutor em Meios e Processos Audiovisuais pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, defendeu em 2026 sua tese “Notas de um kinoc: os cadernos de trabalho e diários pessoais de Dziga Viértov”. É organizador e tradutor de *Cine-olho: manifestos, projetos e outros escritos*, coletânea de textos do cineasta Dziga Viértov publicada pela Editora 34 (2022). Mais informações sobre ele podem ser encontradas no wesite: https://luisfelipelabaki.com/bio.

Realização

PREFEITURA DE SÃO PAULO
CULTURA

Centro Cultural São Paulo

Produção

MUTUAL FILMS

Apoio

Embaixada da República Tcheca em Brasília

//CzechArte

UCTB

ARNOŠT LUSTIG FOUNDATION